

# Roteiro de Leitura

Ana Mariza Filipouski e Diana Marchi

*edelbra*

## O diário de Kaxi

Um curumim descobre o Brasil

Daniel Munduruku

Ciça Fittipaldi



# O diário de Kaxi

## -um curumim descobre o Brasil-

### Roteiro de Leitura

Ana Mariza Filipouski  
e Diana Marchi

#### I. Informações gerais

Autor e ilustrador

Categoria, tema e gênero

O livro

#### II. Orientações pedagógicas

Objetivos pedagógicos

Pré-leitura

Leitura

*Atividade 1*

*Atividade 2*

*Atividade 3*

Pós-leitura

Referências

#### III. Linguagens - Língua Portuguesa Ensino Fundamental - Habilidades BNCC



**edelbra**

# Informações gerais

## Autor, obra e ilustrador

**Daniel Munduruku** (Belém/PA, 1964),

escritor indígena, com mais de 50 livros publicados para o público infantojuvenil, conta que pegou gosto pela leitura por causa de uma aranha. Na sua escola, ainda criança, tinha como tarefa organizar a biblioteca. Ainda que todos os dias limpasse as prateleiras, uma aranha fazia uma teia no mesmo lugar, sobre o mesmo livro. Intrigado, resolveu ver o que chamava tanto a atenção do bichinho. Foi a primeira vez que leu “O Pequeno Príncipe”. Desde então, Munduruku, além de leitor, virou também um escritor com diversos prêmios, entre eles o Jabuti e o da Academia Brasileira de Letras. Suas histórias giram em torno da temática indígena, e não apenas sobre os Munduruku, povo ao qual pertence, mas sobre diferentes culturas e aldeias que existem no Brasil. Escrever é uma forma de se manter ligado à cultura da aldeia que deixou no Pará e descobrir novos horizontes, diz ele. Assim, sem se distanciar das raízes do seu povo, tornou-se educador social e criou um jeito de ensinar que inclui a tradição indígena de contar histórias.

**Çiça Fittipaldi** (São Paulo/SP, 1952) é

ilustradora, escritora e artista gráfica brasileira. Formada em Desenho e Plástica pela Universidade de Brasília, foi professora na Universidade Federal de Goiás. Tornou-se ilustradora em 1973, desenhando para o Jornal de Brasília. Posteriormente, especializou-se em livros infantis. Nos anos 80, o contato com o universo gráfico visual dos ianomami se refletiu em seus desenhos. Publicou obras que lhe deram notoriedade internacional. Dentre os prêmios recebidos, destaca-se o Prêmio Jabuti, em 2014, e a indicação, em 2018, ao Prêmio Hans Christian Andersen.



PAG 39

## Categoria, tema e gênero

### Categoria:

3º ao 5º ano do ensino fundamental

### Temas:

O mundo natural e social

Cultura indígena

Diversidade cultural

### Gênero:

Diário de viagem



## O livro

Kaxi, um menino indígena, viaja do miolo da floresta amazônica até a cidade grande pela primeira vez. Enfrenta o medo e inicia um percurso rumo ao desconhecido. Cada etapa dessa jornada traz surpresa, descobertas e estranhamento diante do novo. Kaxi conhece Gabriela, uma menina da cidade que se torna sua amiga. Ele registra sua experiência em um diário para os amigos da aldeia, como havia prometido quando saiu de lá. Os leitores, pela voz do narrador, aprendem aspectos do mundo natural, da sociedade e da cultura indígena. Também são motivados a refletir sobre a vida e os costumes na cidade e a observar a diversidade da cultura brasileira.

## Orientações pedagógicas

### Objetivos pedagógicos

- Apresentar um roteiro de leitura adequado ao leitor em processo (alunos do terceiro ao quinto anos do Ensino Fundamental) que favoreça o contato com o livro de literatura infantil.
- Desenvolver o gosto pela leitura ficcional por meio de situações que envolvem aventura e apresentem ao leitor aspectos da cultura indígena, seus lugares e sua gente, estimulando o respeito à diferença.
- Estabelecer relação entre texto verbal e não verbal, desenvolver o senso estético e sensibilizar os leitores para diferentes aspectos da cultura brasileira.
- Contribuir para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e inclusiva e, também, voltada para a preservação da natureza.

## Pré-leitura

Traga para a sala de aula imagens de crianças indígenas<sup>1</sup> das mais variadas etnias<sup>2</sup>. Com os alunos sentados em roda. Mostre as imagens e pergunte:

- O que vocês estão vendo nessas imagens?
- O que elas têm em comum?
- O que vocês sabem sobre a cultura dos povos indígenas?
  - Será que a vida deles é muito diferente da que vivemos?
  - Conseguem imaginar como vivem as crianças dessas comunidades?
  - O que elas fazem durante o dia?
  - Será que brincam e vão à escola?

Incentive a manifestação dos alunos numa conversa informal.

Apresente então o livro para a turma.<sup>3</sup>

- Que tal conhecermos a história de Kaxi?

Mostre a capa aberta e peça que os alunos descrevam a imagem<sup>4</sup>. Auxilie-os a explorar a ilustração de Çiça Fittipaldi, com cores fortes em que predominam os tons de verde. Observe o ângulo, o enquadramento, carregados de significados capazes de estimular as inferências dos alunos.

Leia o título e o subtítulo da obra (O diário de Kaxi: um curumim descobre o Brasil), o nome do seu autor, Daniel Munduruku, e da ilustradora, Çiça Fittipaldi, valorizando as relações estabelecidas pelos alunos sobre o conteúdo da história e despertando curiosidade para a narrativa. Peça que um aluno leia em voz alta as notas biográficas do autor e da ilustradora, na última página do livro.

---

1. NOTA: A reportagem “Dia do índio: vídeos revelam a infância e o brincar na comunidade indígena panará”, traz informações e fotos sobre brincadeiras do dia a dia das crianças e também festas e cerimônias que são ensinadas a todos pelos mais velhos.

Disponível em: <https://shorturl.at/apxCH>

\* Acesso em: 15/03/2023

---

2. DICA: Visualize com os alunos o vídeo do Projeto Território do Brincar - 3º Região - Território Indígena Panará\*, Pará. O projeto registra as brincadeiras das crianças brasileiras, da infância dos panarás. “Entre as crianças, folhas viram hélices de avião; um galão d’água cortado ao meio vira um carrinho; os galhos de mamoeiro se transformam em espingardinha de pressão; e até o fruto do tucum pode virar um peão.”

Disponível em: <https://shorturl.at/fjkEI>

\*Acesso em: 15/03/2023

\*Os panarás são um grupo indígena que habita o norte do estado brasileiro do Mato Grosso e o sul do Pará, no Parque Indígena do Xingu.

---

3. NOTA: Assista a entrevista com o escritor Daniel Mukuruçu, por ocasião da 68ª Feira do Livro de Porto Alegre, e conheça um pouco mais as questões que permeiam o livro.

Disponível em: <https://shorturl.at/bdmSY>

\* Acesso em 29/03/2023



Com o objetivo de orientar as manifestações sobre a leitura, pergunte:

- O que o texto revela sobre Munduruku?
- E sobre Ciça Fittipaldi?
- Pela nota biográfica, o que sabemos sobre autor e ilustradora? A nota é um texto pessoal, que desperta sentimentos no leitor? Ou é impessoal, meramente informativo?

Sobre o título, questione:

- Para onde vocês imaginam que será a viagem do curumim Kaxi?

Ouçã as inferências, chame a atenção para o subtítulo da obra e peça auxílio dos alunos para a leitura do texto na contracapa do livro. Convide-os a conhecer o ponto de vista de um menino indígena ao visitar, pela primeira vez, uma grande cidade. Examine as ilustrações no interior do livro e peça que os alunos descrevam as imagens maiores, que ocupam a página inteira (ou dupla página):

- O que veem?
- É possível identificar elementos ligados à cultura indígena nas ilustrações? Explore as expectativas geradas a respeito do conteúdo e faça algumas anotações no quadro.

## Leitura

Leia o texto ou proponha a leitura silenciosa, de acordo com as condições da sua turma. Privilegie a leitura global, sem focalizar aspectos pontuais (isso será feito adiante, ao estudar o texto).

Sempre que houver dúvida quanto ao vocabulário<sup>5</sup>, interrompa a conversa, anote a palavra no quadro e,

---

4. NOTA: O ângulo, enquadramento, efeitos de cor ou tonalidade realçam determinados aspectos da imagem – a imensidão da floresta que toma conta de todo o espaço da capa e das orelhas do livro, em contraponto com as figuras dos indígenas, menores, em grande número, integrados a ela.



---

5. DICA: Solicite que pesquisem o significado das palavras em um dicionário, na biblioteca ou na sala de informática. Depois, dê um tempo para a socialização dos achados.

com a ajuda dos alunos e apoio no texto literário, busque esclarecê-la.

Dê especial atenção ao vocabulário indígena, com muitos termos explicados em notas no próprio livro, e aos termos não comuns na linguagem coloquial usada pelos alunos. Se necessário, sugira que procurem no dicionário a definição mais adequada ao contexto da história. Observe aspectos relativos às diferenças entre fala e escrita e proponha que substituam alguns termos por sinônimos, avaliando a importância das escolhas linguísticas realizadas pelo autor.

## Atividade 1



Anote algumas questões no quadro e proponha que, em grande grupo, respondam oralmente:

- De que vocês mais gostaram na história? De que vocês não gostaram?
- Quem era Kaxi? Ele é importante para a narrativa?
- Quem é o narrador?
- Onde se passa a história? É possível, pelo relato, saber a distância percorrida por Kaxi durante a viagem?<sup>6</sup>
- Por que o menino diz que “seria um teste de coragem e de força”?

Ouçã as respostas dos alunos e organize-as de modo a destacar aspectos estruturais da narrativa: é um texto narrado em primeira pessoa, por Kaxi, um menino indígena que nasceu em uma aldeia, no meio da floresta, acostumado a conviver com os animais e a natureza. O curumim não entende por que deve abandonar a aldeia e empreender a longa viagem, mas obedece (“[...] meu pai me disse que eu precisava vir para cá, seguir o caminho para melhor ver as coisas.” p.8).<sup>7</sup>

Kaxi escreve o diário para “seus ami-

---

6. DICA: Deixe exposto em sala de aula o mapa do Brasil com os principais rios, de modo que os alunos possam visualizar a geografia brasileira e imaginar o percurso realizado pelo narrador.

Consulte: <https://shorturl.at/gmCMY>

\*Acesso em 15/03/2023

guinhos”, conforme os velhos da aldeia haviam pedido: “Meus amiguinhos, conforme me foi pedido pelos nossos ajot, escrevo este diário da viagem que eu, Kaxi, vou fazendo à cidade grande” (p.8). Ele narra a viagem que faz desde a aldeia, nas margens do rio Tapajós, até a cidade grande, pela primeira vez.

O “teste de coragem” consiste em enfrentar o desconhecido e ficar longe dos amigos e do seu lugar, num percurso que inicia “lá pelas 10 horas” (p.8), segue durante a travessia de barco pelo rio Tapajós (13/04) até a chegada, um dia depois (14/04), de avião, na cidade grande: “Viajamos durante a noite toda. Quando chegamos à cidade, o Sol já estava adormecido fazia tempo” (p.20).

• Por que motivo o curumim começou a fazer essa viagem?

Peça a ajuda dos alunos para localizarem trechos que revelem a necessidade da viagem do menino: fazer uma cirurgia nos olhos.

“[...] meu pai me disse que eu precisava vir para cá, seguir o caminho para melhor ver as coisas.” (p.8).<sup>8</sup>

“Esse pássaro de ferro é do governo e, por isso, transporta as pessoas doentes [...]” (p. 16)

“Hoje, consegui ver de novo.” “[...] pude curar o meu olho e agora enxergo melhor.” (p. 44)<sup>9</sup>

---

7. NOTA: Esta expressão tem um valor real – Kaxi tem um problema de visão – mas também um valor simbólico – a viagem para a cidade grande alarga a compreensão do curumim, que convive com a diferença e começa a registrá-la para os amigos que ficaram na floresta. O registro revela um caráter literário, plurissignificativo do texto.

---

8. DICA: Para auxiliar os alunos a ampliar a leitura do texto, coloque no quadro o verbo VER e sua definição conforme verbete do dicionário. Depois, questione: O que entendemos quando o narrador diz “consegui ver de novo” e “agora enxergo melhor”? Será que ele está se referindo apenas à cirurgia dos olhos? E quando Kaxi fala em “[...] descobrindo coisas novas”? Ou “[...] o que já vi neste lugar estranho, meio assustador”; “Vou sempre escrever, contando cada coisa nova que eu descobri aqui”, ele está se referindo apenas ao sentido da visão, à visão física? Ou esse “ver” está relaciona também à percepção de algo que, na aldeia, lhe era desconhecido? Isso acrescenta algo à vida do curumim? Observe que o verbo “ver” comporta simultaneamente um sentido relacionado à visão física e um sentido ligado à percepção de algo novo, remetendo à ampliação da visão, uma visão alargada de mundo do menino que, até então, estava restrita à sua vida na aldeia, ao que conhecia. O verbo “ver”, no texto literário, pode ser entendido também como a ampliação da visão de mundo, tanto do narrador quanto das crianças da aldeia, que alargam seu universo com as impressões de Kaxi sobre a cidade grande.

---

9. DICA: Os trechos selecionados correspondem à estrutura básica da narrativa: introdução/apresentação, desenvolvimento e desfecho. Problematisar, auxiliando os alunos a compreenderem que o enredo da narrativa decorre do encadeamento dessas partes (da sucessão de fatos). Anote no quadro as datas do Diário de Kaxi e aproveite para mostrar que o enredo é linear, pois os fatos seguem uma sequência cronológica (são datados).



## Atividade 2

Nas ilustrações<sup>10</sup>, é possível encontrar ícones, índices e símbolos que conferem ao livro, além de valor estético, uma pausa necessária para a organização do pensamento, quando o leitor (re)elabora o que compreendeu a partir da leitura do texto verbal. As ilustrações do livro “O diário de Kaxi” trazem informações acerca do espaço e do tema, auxiliando a contextualizar a história e a compreender o choque cultural vivenciado pelo curumim quando “descobre” um ambiente diferente do seu. Fundamente esta inferência com o subtítulo do livro.

Peça que, em pequenos grupos, os alunos observem e descrevam as imagens das páginas duplas. Para auxiliá-los a fazer a leitura visual, distribua as páginas entre os grupos e escreva no quadro as questões a serem observadas.

- Que cores a ilustradora usou? Por que vocês acham que ela usou essas cores?
- Como essas cores<sup>11</sup> estão organizadas? Que efeitos elas criam?
- Que tipo de formas são encontradas na imagem? Formas arredondadas, retas, pontiagudas, pontilhadas? Que efeitos elas criam?

10. NOTA: “A floresta de Ciça surpreende não somente pela justaposição de verdes, pelos seres ocultos que abriga, pelo bordado filigranado com que a artista cuida dos bichos, dos galhos, das árvores, das folhas... Há meticulosidade para representar, descrever e ambientar, de forma pungente e aguda, a densidade da mata. Para adentrar este contexto ao mesmo tempo amedrontador e paradisíaco, encharcado de simbolismos, Ciça utiliza a aquarela, técnica tão antiga quanto difícil e expressiva.” Para saber mais sobre a arte da ilustradora Ciça Fittipaldi, leia o dossiê “Entre florestas, tambores, ogros e Bailarinas...”, de Irene Tourinho, publicado na Revista UFG, dez. 2010, n. 9.

Disponível em: <https://shorturl.at/hHOX4>

\*Acesso em: 22/03/2023



11. NOTA: As cores que predominam no livro são o verde e o azul, associadas ao bem-estar, à tranquilidade e à segurança. A imensa floresta em tons luminosos é um convite para entrar nesse ambiente de sombras, claridades que acentuam a magia de relevos e texturas que suas florestas escondem e exibem, acolhem e desafiam. Colorindo superfícies maiores, com tons de verde azulado, que se diluem, suaves, a ilustradora cria movimentos fluidos que revelam flora e fauna, integrando a diversidade da floresta, da mata. Em contraponto, o espaço urbano é demarcado por linhas que delimitam pessoas, prédios, árvores.

• Há marcas ou símbolos?<sup>12</sup>  
Quais? O que significam?

Depois, à medida que forem explorando e relatando a leitura das imagens, anote no quadro os elementos que agregarem informações sobre o contexto do livro, com ênfase nas diferenças entre o espaço da aldeia, no coração da floresta amazônica, e a cidade grande.

12. NOTA: A pintura corporal, rica em grafismos e códigos, ressalta uma propriedade dos índios brasileiros. Além de constituir um ornamento corporal, funciona como marca de identificação étnica e informa a respeito do sexo, idade e condição social.

Fonte: <https://t.ly/tJKse>

\*Acesso em 22/03/2023

### Atividade 3

Explore as características do gênero narrativo diário de viagem<sup>13</sup>. Chame a atenção para o contexto da história e para o narrador-personagem, pontos centrais da narrativa: pelo registro de Kaxi, o leitor conhece um pouco da cultura indígena, seus hábitos, alimentação, o respeito aos mais velhos, as brincadeiras das crianças junto à natureza e a importância das árvores, rios e animais. Também é pelo olhar do narrador que o leitor conhece as diferenças em relação aos habitantes da cidade e o estranhamento que todos experimentam.

Proponha a realização de um debate orientado. Releia trechos do diário e problematize:

1 - O narrador-personagem e o seu ponto de vista:

“[...] o que conheço são as coisas da floresta, a linguagem de nossas parentas árvores, a sabedoria do nosso irmão rio. O que eu sei de verdade é como subir na mangueira, no açazeiro. O que eu gosto de fazer é andar à toa pela mata e brincar de caçar, pescar e nadar no rio.” (p. 10).

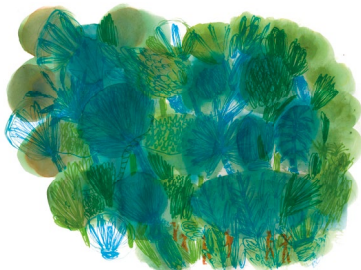
13. DICA: Para aprofundar conhecimento a respeito do gênero textual diário de viagem, coloque no quadro as questões que seguem:

- O que é? Uma forma de expressão íntima;

- Quem escreve? O autor/o narrador; Para quem escreve? Para os leitores / os interlocutores presumidos (os amigos da aldeia);

- Para quê? Para relatar acontecimentos, expressar vivências, estranhamentos, opiniões.

Desafie-os, em grande grupo, a relacionar suas respostas ao texto de Daniel Munduruku.



- O que o narrador quer dizer com isso?

“[...] estar em um lugar tão diferente é muito ruim, mas é preciso passar por isso para testar nosso espírito de coragem e força.” (p. 21).

- Por que o pai do curumim acha tão difícil estar na cidade grande?

2- Um recurso à linguagem figurada para indicar a percepção do narrador:

“Fiquei pensando se o povo da cidade não era povo das caixas, porque tudo o que eu via [...] eram caixas [...]” (p.26).

- Por que Kaxi estranha o “povo da cidade”? O que significa ser “povo das caixas”?<sup>14</sup>

Auxilie os alunos a refletirem sobre o ponto de vista do menino indígena ao se deparar com um espaço diferente do seu. O tom do narrador, levemente irônico, sobre o modo de viver na cidade ressalta seu estranhamento.

3- Vida na aldeia X vida na cidade: contexto e estranhamento mútuo.

Proponha que exercitem a mudança do ponto de vista e pergunte:

- O que aconteceria se Gabriela estivesse visitando a aldeia?

Para compreender o estranhamento mútuo e ampliar o âmbito da observação, destaque os trechos que seguem, examinando-os um por vez:

“Quereria dizer para vocês que também notei algumas pessoas que



estavam comendo. [...] Olhavam para mim e para meu pai com certa desconfiança. Eu fiquei com medo daquelas pessoas, acho que elas também estavam com medo da gente. Meu pai disse para não ligar para elas [...]” (24).

“Tive a curiosidade de saber como eles faziam o tal automóvel. Meu pai perguntou ao homem que estava dirigindo, que disse que não sabia direito como era feito, mas era preciso uma grande tecnologia para o carro ficar pronto. Disse também que nós, os indígenas, nunca precisaríamos entender como era isso, porque a gente mora na floresta e não precisa dessas coisas todas para viver.” (p. 25-26).

No primeiro, o curumim percebe o desconforto diante da presença de pai e filho em um restaurante na cidade grande, revelando dificuldade para conviver com a diferença. No segundo, insinua que o motorista considera os indígenas incapazes de compreender a tecnologia, revelando preconceito.



Questione-os então:

- Vocês acham que isso só acontece na literatura? Ou há desrespeito e preconceito em relação às populações indígenas? Por quê?

Auxilie-os refletir a partir do ponto de vista do narrador-personagem. Observe que, apesar do acolhimento da equipe do hospital em que o curumim fez a cirurgia, algumas pessoas mostram preconceito de diversas formas (riem, menosprezam, fazem brincadeiras maldosas). Os indígenas – pai e filho – são vistos como “diferentes” dos demais habitantes da cidade,

em geral não são tratados com empatia, respeito.

3- Construindo olhares respeitosos às diferenças.

Destaque a p. 32, na parte intitulada “Encontrando Gabriela”. O trecho revela o papel da garota como interlocutora de Kaxi e também como coadjuvante<sup>15</sup> no registro do diário, quando o autor insere a carta “Amigos da aldeia” (p. 36-37) ao corpo do diário.

Pergunte então:

- Qual o papel da menina no enredo do livro?
- Por que Kaxi declara ter encontrado uma amiga?
- Ela conhecia a cultura indígena?

Durante o debate, observe que Kaxi e Gabriela têm seus horizontes alargados, já que aprendem, pelo conhecimento, a “ver” o outro/o diferente como um igual, valorizando a convivência e o respeito.

## Pós-leitura

Para ampliar o conhecimento<sup>16</sup> dos alunos, motivá-los a buscarem mais informações e reconhecerem o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura, estabeleça conexão entre a diversidade cultural e a história lida, indicando que vivem no território brasileiro aproximadamente 254 povos indígenas, falantes de mais de 150 línguas:

- Vocês conhecem o modo de

---

15. NOTA: O registro predominante no texto é feito do ponto de vista do indígena, que se compromete a contar para os companheiros que ficaram na floresta o que viveu na cidade. Entretanto a voz de Gabriela acrescenta um contraponto ao texto, indicando um olhar amigável e atento às diferenças.



---

16. NOTA: Sobre os povos indígenas no Brasil (Quem são? Quem é índio? Sobre o nome dos povos; Contato com não-índios; Índios isolados; Índios emergentes), informe-se acessando o site <https://shorturl.at/mzOW6>

\*Acesso em: 22/03/2023



vida de alguns povos indígenas?

- Eles têm modos de vida diferentes dos seus?
- Por que é importante conhecermos as populações indígenas?

Apresente alguns dos aspectos culturais desses povos nativos que habitam o Brasil desde muito antes da chegada dos portugueses. Traga para debate as condições atuais<sup>17</sup> de vida das populações indígenas, seu direito à terra, sua luta e contribuição para a constituição do povo brasileiro, bem como os princípios que orientam as sociedades indígenas (cooperação, sustentabilidade, preservação da natureza).

Convide os alunos a visualizarem o vídeo “História Owerá”<sup>18</sup>, no site do Museu da Pessoa. Nele, Werá Tupã, um jovem indígena de 18 anos, nascido na aldeia Krukutu, conta um pouco da sua aldeia e da influência do rap e da literatura na sua vida.

Após, retome, em grande grupo, o que os indígenas passaram a incorporar em seu dia a dia, tais como o uso da língua portuguesa, as roupas, as novas tecnologias, a música (rap)... Promova um debate através de perguntas como as que seguem:

- Como o diálogo entre as culturas pode modificar a vida das pessoas?
- O jovem Werá permaneceu igual ao longo do tempo? E a sua comunidade indígena?
- O que permaneceu e o que se modificou?

---

17. NOTA: Para conhecer mais sobre as populações indígenas brasileiras e suas lutas, assista: minidocumentário “Povos indígenas no Brasil” (vídeo de 16 minutos). O filme é uma realização do Instituto Socioambiental (ISA) e retrata o período entre 2017 e 2022, reverenciando a memória viva e coletiva dos mais de 260 povos que habitam o país. Traz fortes depoimentos e imagens que ilustram a beleza da diversidade indígena brasileira e as injustificáveis violências sofridas pelas comunidades.

Disponível em: <https://shorturl.at/envU4>

\*Acesso em: 27/03/2023

Vídeo: “#MenosPreconceitoMaisÍndio” (1:30 minutos). Nesse vídeo o Instituto Socioambiental (ISA) convida, num tom irônico, a olhar os povos indígenas com mais generosidade, respeito e sem preconceito. Mostra que os índios, como cada um de nós, são donos de suas identidades e incorporam o que quiserem do mundo que os rodeia, sem deixar de ser índios. Os tempos mudaram. Os índios também. Mas eles continuam lutando pelo direito de ser índio. Incorporar hábitos considerados de “homem branco”, como usar roupas ou tecnologia, não faz do índio menos índio. Eles continuam lutando para manter sua identidade e cultura indígenas.

Disponível em: <https://shorturl.at/pxNU1>

\*Acesso em 27/03/2023



18. NOTA: “A pomba branca da paz ia ser solta na abertura da copa do mundo? Mas quanta paz é dada para o povo indígena no Brasil? Isso era o que questionava o cacique da aldeia Kurukutu que entregou uma faixa pra Werá. Werá então abre a copa do mundo no Brasil com “Demarcação Já” fazendo voltar os olhos do mundo para a questão indígena, para as histórias indígenas. Werá Kunumi publica seus livros de temática e de vida indígena, canta rap na língua guarani e declama poemas de protesto. Com um pai escritor, foi da aldeia pro mundo.”

Disponível em: <https://shorturl.at/muPR5>

\*Acesso em 27/03/2023

- Que motivo levou o jovem Werá a incorporar novos costumes?

Oriente o debate, destacando que influência não significa perda de identidade. A troca, o conhecimento, o diálogo entre culturas traz aprendizado, enriquece a vivência, modifica pontos de vista, mas também consolida escolhas relacionadas às raízes.

Ao longo das falas, valorize a participação dos alunos decorrente de leitura extraclasse, que traga informações fundamentadas em pesquisa e demonstre o interesse na construção de aprendizagens para além do texto literário, dentro e fora da escola. Depois, desafie o grupo:

- Mas, afinal, o que o livro “O diário de Kaxi” tem a ver com isso?

Como síntese, relembre o tema do livro de Daniel Munduruku, mostrando que ele dialoga com o tempo presente, com o Brasil contemporâneo. A leitura ficcional, o vídeo e outras fontes pesquisadas suscitam perguntas e reflexões sobre princípios e valores orientadores das sociedades indígenas (cooperação, sustentabilidade, preservação da natureza), e as colocam em contraste com as sociedades urbanas (consumo, competição, destruição da natureza). Nesse sentido, a pós-leitura torna possível compreender que literatura e educação para a cidadania podem andar juntas, em diálogo constante, habilitando a ler e a pensar sobre a sociedade em que se vive.

## Referências

CADEMARTORI, Ligia. O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DICKEL, Adriana et al. Práticas pedagógicas em língua portuguesa e literatura: espaço, tempo e corporeidade. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

RAMOS, Graça. A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RICARDO, Fany; KLEIN, Tatiane; SANTOS, Tiago Moreira dos (org.). Povos indígenas no Brasil : 2017/2022. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental, 2023.

Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/povos-indigenas-no-brasil-2017-2022>

\*Acesso em: 27/03/2023

SIMÕES, Luciene et alii. Leitura e autoria: planejamento em língua portuguesa e literatura. Erechim: Edelbra, 2012.



## LINGUAGENS - LÍNGUA PORTUGUESA

### ENSINO FUNDAMENTAL - HABILIDADES BNCC

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF02LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos (...).

(EF02LP21) Explorar, com a mediação do professor, textos informativos de diferentes ambientes digitais de pesquisa, conhecendo suas possibilidades.

(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

(EF01LP26) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.

(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.

(EF35LP18) Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizadas por colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

(EF35LP19) Recuperar as ideias principais em situações formais de escuta de exposições, apresentações e palestras.

(EF35LP20) Expor trabalhos ou pesquisas escolares, em sala de aula, com apoio de recursos multissemióticos (imagens, diagrama, tabelas etc.), orientando-se por roteiro escrito, planejando o tempo de fala e adequando a linguagem à situação comunicativa.

# O diário de Kaxi

## -um curumim descobre o Brasil-

### Roteiro de Leitura

Autoria:  
Ana Mariza Filipouski e Diana Marchi



**Etapa de leitura:**

3º ao 5º ano - Leitor em processo

**Gênero:** Diário de Viagem

**Temas:**

O mundo natural e social

Cultura indígena

Diversidade cultural

**ISBN:**

978-65-5750-056-9 (Brochura)

978-65-5750-057-6 (Capa Dura)

**Acabamento e detalhes gráficos:**

Brochura e Capa Dura

**Formato:** 20 cm x 25 cm

**Número de páginas:** 48

**Edição:** 1 (2022)

*Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 2023*

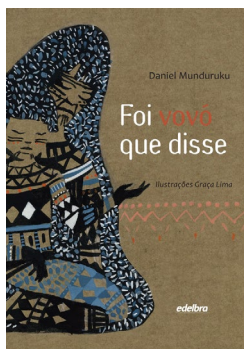
***edelbra***



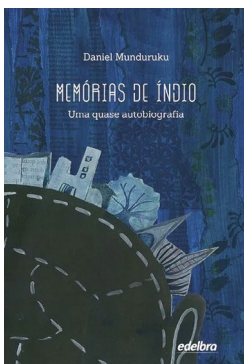
## Conheça outros livros de Daniel Munduruku



Karu Taru tem apenas nove anos, mas uma tarefa imensa o espera: ele deve suceder o pajé de sua aldeia, o personagem mais poderoso da vida de seu povo. Karu fica cheio de dúvidas: por que ele foi o escolhido? Como conquistar a confiança daqueles a quem deve orientar e curar e lidar com tamanha responsabilidade? Ser pajé é uma tarefa árdua, que exige as capacidades de ouvir as pessoas, falar com os espíritos, conhecer as ervas e interpretar os sonhos. Como será a jornada de Karu Taru?

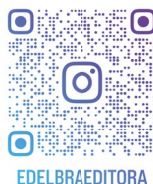


Faz parte da tradição indígena ouvir os avós com muita atenção. Eles são considerados sábios porque guardam as histórias dos ancestrais e as contam aos mais jovens, para que possam aprender sobre suas origens e sobre seu próprio papel no mundo. Nesta história do premiado escritor indígena Daniel Munduruku, o leitor conhece o menino Kaxiborempô. Ele o leva por um passeio pela floresta e pela cultura de seu povo. As ilustrações de Graça Lima mostram as cores, formas e texturas da natureza, da cultura munduruku e dos seres encantados da floresta.



Nesse livro, o premiado autor indígena Daniel Munduruku convida seus leitores a mergulhar no rio de sua própria história. Em breves crônicas, cada capítulo está repleto de memórias e aprendizados, narrados afetuosamente. As vivências da infância, os anos no seminário, a descoberta do amor e de si enquanto escritor são abordadas sob as referências e ancestralidades da cultura munduruku. Tudo (quase) verdade.

[www.edelbra.com.br/editora](http://www.edelbra.com.br/editora)



Kaxi é um menino de nove anos que vive no coração da floresta amazônica, lugar de árvores gigantescas e de grandes rios, onde o que se ouve e sente são os sons da natureza e os cheiros da mata.

O curumim precisa reunir toda a sua coragem para enfrentar o medo e iniciar uma viagem ao desconhecido – a cidade grande. Como será chegar a um lugar tão diferente, cheio de barulhos que nunca ouviu, de cheiros que nunca sentiu? Como serão as pessoas?

Kaxi se surpreende e conta o que vê e sente. Na cidade, tudo é diferente, mas ele descobre que a amizade aproxima as pessoas em qualquer lugar.

ISBN 978-65-5750-057-6



9 786557 500576

**edelbra**